

The background of the entire page is a painting of two monks in a landscape. The monk on the left is holding a large wooden cross. Both are wearing dark brown habits. The monk on the right has a heart-shaped patch on his chest with a cross and the text 'JESU XPI PASSIO'. The sky is a dramatic sunset with orange and yellow clouds, and several birds are flying in the distance.

Discernimento Espiritual

*no Diário de São Paulo da Cruz
(1694-1775)*

Pe. Gregor Lenzen, C.P.



DISCERNIMENTO ESPIRITUAL

NO DIÁRIO DE SÃO PAULO DA CRUZ

(1694–1775)

por **Pe. Gregor Lenzen, C.P.**

Provincial da Vice-Província Germano-Austríaca do Sul
dos Passionistas, com sede em Munique.

PARTE A

Castellazzo – O “Noviciado” do Santo

I. História Preliminar

O **Diário Espiritual de Paulo Francisco Danei**, considerado por **Joseph De Guibert** como “um dos textos clássicos do misticismo católico”, foi o resultado de um processo espiritual interior do qual apresentaremos agora um breve esboço.

O jovem cujo documento nos oferece uma visão da sua vida interior nasceu a **3 de Janeiro de 1694**, na cidade do norte de Itália **Ovada**, perto de **Alessandria**. Para sustentar a numerosa família, o seu pai, **Luca Danei**, tinha uma pequena loja onde vendia tecidos e tabaco. Depois de ouvir um sermão em **1713**, quando tinha **19 anos**, Paulo passou pela sua “conversão”. A partir de então, o seu único interesse foi viver para Deus.

Um plano para participar numa cruzada contra os turcos em **1716** fracassou. Ao longo dos anos seguintes, Deus revelou-lhe cada vez mais claramente a sua verdadeira vocação através de várias inspirações interiores. Paulo sentia um grande desejo “**de retirar-se para a solidão, vestir um hábito simples, andar descalço, viver em extrema pobreza — em suma, pela graça de Deus, levar uma vida de penitência.**”

A inspiração levou-o também “**a reunir companheiros que viveriam juntos e se dedicariam a aumentar o temor de Deus nas almas.**” O hábito religioso da futura comunidade também lhe foi revelado numa espécie de visão espiritual. Ele desejava fundar uma congregação “**com a aprovação da Santa Mãe Igreja**” e dar-lhe o nome “**Os Pobres de Jesus**”.

Aos **26 anos**, estava prestes a iniciar uma jornada, embora ainda não estivesse claro para onde ela o conduziria. Deixou a casa paterna em **22 de Novembro de 1720** e, nesse mesmo dia, na capela privada do bispo, foi revestido com uma veste penitencial negra por **Monsenhor Gattinara de Alessandria**, confessor e director espiritual de Paulo.

O bispo ordenou-lhe que se retirasse para a solidão e **anotasse os movimentos interiores da sua alma**. Deveria também escrever a **Regra da congregação proposta**.

As entradas do diário que registam o seu retiro de **40 dias** na igreja de **São Carlos em Castellazzo** começam em **23 de Novembro de 1720**. Este precioso documento — escrito como base para o próprio processo de discernimento de Monsenhor Gattinara acerca da vocação de Paulo — é também um testemunho impressionante do discernimento espiritual e das decisões de um ser humano em diálogo existencial com Deus.

II. O Lugar do Diário no Processo de Desenvolvimento Espiritual de Paulo

Considerando estes quarenta dias na sua totalidade, eles representam o quadro clássico de um período preparatório antes de uma missão especial.

O pequeno e pouco acolhedor armazém ao lado da sacristia de **São Carlos** simboliza o arquétipo do “**deserto**”, que se encontra de várias formas na vida de todo profeta e fundador. Para **Paulo Francisco Danei**, o “deserto” de Castellazzo proporcionou as condições necessárias para finalmente elaborar a sua vocação.

O seu modelo encontrava-se no seu Mestre, **Nosso Senhor Jesus Cristo**, que passou **quarenta dias e quarenta noites no deserto** (cf. Mateus 4,1-11) antes de aparecer publicamente pela primeira vez.

Tal como Jesus, Paulo Francisco também foi conduzido ao deserto **pelo Espírito Santo**, para encontrar o seu caminho no “**discernimento dos espíritos**”.

Permanentemente fiel ao modelo do seu Senhor, o jovem eremita procurava manter a sua alma vigilante e alerta por meio do jejum. A tentação perturbou-o muito durante aqueles dias e noites e mergulhou-o num estado de desolação e medo.

Tratava-se então de “**enfrentar a si mesmo enquanto suportava as noites do consciente e do inconsciente para realmente vencer a sua condição humana**”, como escreve **Josef Ratzinger** no prefácio da edição alemã do Diário.

O leitor testemunha um diálogo entre **Deus e Paulo**.

O santo oferece-nos uma descrição contínua e muito precisa dos seus vários pensamentos e sentimentos — por outras palavras, das “**condições da sua alma**” que o afectaram durante aqueles quarenta dias.

Deste ponto de vista, o **Diário** é a fonte escrita mais importante saída da pena deste grande místico. Ele trata provavelmente da fase mais decisiva do seu percurso. Na constante oscilação entre **consolação e desolação**, Paulo completou o processo interior que já tinha começado na sua infância.

A luta solitária com Deus formou a sua identidade espiritual, que se tornaria tão característica do seu pensamento e da sua obra posteriores.

III. Um segundo “Manresa”

Uma breve comparação com a figura de **Santo Inácio de Loyola (1491–1556)** talvez seja aqui apropriada.

Castellazzo assemelha-se muito à experiência de **Manresa**, que o fundador dos Jesuítas mais tarde chamou a sua “**igreja primitiva**” ou “**noviciado**”.

A **25 de Março de 1522**, Inácio chegou à pequena cidade catalã para “**fazer algumas notas no livro que levava consigo**.” Permaneceu ali **onze meses**.

A sua vida interior nesse período oscilou “**das profundezas de uma terrível desolação até às alturas da experiência mística**.”

Estas experiências ambivalentes forneceram a base para as hoje clássicas “**Regras para o Discernimento dos Espíritos**.”

A iluminação espiritual que lhe foi concedida junto ao **rio Cardoner** permitiu-lhe ver tudo com nova clareza. Essa “**graça de todas as graças**” mostrou-lhe a nova direcção do caminho da sua vida.

O Pe. **Stanislaus** diz a propósito de Paulo da Cruz:

“Santo Inácio podia dizer que, mesmo que toda a Bíblia não existisse, não teria perdido nada depois das visões celestes que viu em Manresa — e não poderemos acreditar o mesmo de Paulo da Cruz, que recebeu uma missão semelhante?”

As experiências do eremita de Castellazzo mostram características semelhantes às do peregrino de Manresa. “**Castellazzo**” e “**Manresa**” simbolizam ambas uma experiência fundamental: descrevem o lugar de um encontro intenso com Deus que conduziu ao reconhecimento de uma **missão pessoal na Igreja**.

PARTE B

A Dinâmica Espiritual dos 40 dias em Castellazzo

I. A Procura da Vontade de Deus

Na primeira entrada do diário, **São Paulo da Cruz** estabelece o tom característico de todo o Diário quando escreve que “**a santíssima vontade do nosso querido Deus está a cumprir-se.**”

Aqui o Santo lança os fundamentos de um autêntico processo de **discernimento espiritual**, cujo objetivo final é sempre fazer a vontade de Deus. **Marcel Viller SJ**, no seu estudo *La volonté de Dieu dans les lettres de S. Paul de la Croix*, mostrou como a busca do grande místico pela vontade de Deus estava firmemente enraizada no seu ensinamento espiritual.

Nesse estudo, Viller descreve Paulo como um homem do seu tempo que “**herdou uma tradição espiritual muito forte ainda insuficientemente estudada, a tradição do abandono.**”

O amável bispo de Genebra, **São Francisco de Sales (1567–1622)** — que marca o ponto de partida da espiritualidade do abandono — destaca-se entre os seguidores desta tradição.

O **Pe. Francisco António Capriata OFM Cap**, um dos companheiros de Paulo quando jovem, testemunha a influência de Francisco de Sales sobre ele:

“...Recebi instrução de Paulo nos caminhos da oração mental — purgativa, iluminativa e unitiva; recordo-me de que, em quase todos os pormenores, ele seguia o ensinamento de São Francisco de Sales, que conhecia muito bem.”

A posição central da **vontade de Deus** na espiritualidade de São Paulo da Cruz deve, portanto, ser considerada em relação com a influência de São Francisco de Sales, “**a quem se deve a primeira e, por isso, a mais decisiva e importante fase da sua formação.**”

Assim, o fundador passionista encontra-se ao lado de **Santo Inácio de Loyola**, que foi descrito como “**um homem da vontade de Deus**”, embora cada um tenha tido o seu próprio modo de cumprir essa vontade, como o artigo de Viller mostra claramente.

Enquanto Inácio procurava pôr a vontade de Deus em prática através da ação, Paulo inclina-se mais para uma atitude de **aceitação obediente**.

Se voltarmos a **Pedro Lombardo (1095–1160)** e à sua distinção entre *voluntas beneplaciti* e *voluntas signi*, então São Paulo da Cruz está certamente mais orientado para o primeiro destes dois conceitos.

Nisto mostrou-se discípulo daquele grande doutor da Igreja da Saboia, **São Francisco de Sales**, que no nono livro do seu *Teótimo* fala da união da vontade humana com a vontade divina, “**que se chama a vontade do beneplácito de Deus.**”

Contudo, existe também um fio de ligação que vai de Inácio, passando por Francisco de Sales, até às experiências interiores do jovem eremita em Castellazzo, pois “**a relação entre**

a espiritualidade inaciana e salesiana é mais claramente visível na atitude perante a vontade de Deus.”

Se lermos as entradas do Diário, todos os elementos essenciais do ensinamento posterior de Paulo sobre o **abandono à vontade de Deus** revelam-se ao leitor.

Este abandono está ligado de forma característica a um **misticismo da Paixão**, orientado para participar na Paixão de Cristo e tornar-se um com o Crucificado.

A cela de **São Carlos** marca tanto o lugar de uma intensa luta interior, durante a qual **Paulo Danei se torna Paulo da Cruz**, como o lugar onde ele reconhece claramente e aceita o plano de Deus para a sua vida.

A vontade divina é sempre o princípio orientador para ele.

Assim, no seu Diário, a frase final escrita a **30 de dezembro** pode ser tomada como programática:

“Em todas as coisas se cumpra a vontade do nosso Deus. Ámen.”

II. O Desenvolvimento de uma Nova Mentalidade e Sensibilidade

1. A Importância do Nível Afetivo

Foi **Santo Inácio de Loyola**, nos seus *Exercícios Espirituais*, quem primeiro assinalou a importância das **afeições** para o processo de discernimento espiritual. As emoções muitas vezes exercem uma influência maior sobre a decisão humana do que o pensamento racional. Por isso, ao procurar a vontade de Deus, é crucial investigar a causa profunda desses movimentos interiores, que podem ser motivados por Deus, pelo Maligno ou pela natureza humana.

Quem se aprofunda no **Diário Espiritual de Paulo da Cruz** encontra um homem marcado por uma grande variedade de emoções. Não sem razão o seu primeiro biógrafo descreve o seu temperamento como **“sanguíneo e muito sensível”**. Contudo, essa natureza sensível foi também fonte de muito sofrimento espiritual para Paulo. Ele entrou **“numa espécie de depressão interior em certos momentos”**, sofrendo intensamente por causa da sua própria natureza. No entanto, fez um grande esforço para lutar contra isso **“a fim de tratar os outros com serenidade.”**

Nos *Exercícios*, Inácio sublinha que toda inclinação desordenada deve ser removida da alma para que, ao alcançar um estado de indiferença, seja possível reconhecer a vontade de Deus. No meio de mudanças de humor e de sentimentos, Paulo esforçava-se por alcançar um equilíbrio interior, que atingia **“principalmente abandonando-se ao amor providente de Deus revelado na Paixão de Jesus.”** O seu Diário é um testemunho eloquente disso.

2. Os Meios do Discernimento

Se examinarmos o texto do Diário quanto aos meios utilizados no discernimento, **a oração surge como o fator predominante**. Paulo viveu o seu “deserto” de quarenta dias numa intensa consciência da presença de Deus. **Dia e noite permanecia unido a Deus em oração.**

Esse diálogo foi iluminado por Deus através de **graças especiais e iluminações do Espírito Santo**, que lhe permitiram reconhecer com maior clareza a sua vocação e missão. Para ele, o encontro com o Senhor na **Eucaristia** e o tempo passado em contemplação tornaram-se os pontos de referência para o resto do dia. Com os olhos da fé, o santo conseguia realizar análises das situações que surgiam durante o dia. Ele menciona também, uma vez, uma conversa com o seu irmão acerca de assuntos espirituais.

Através de todas as suas emoções, das suas reflexões psicológicas e ascéticas, das suas orações, esperanças e desejos durante o seu retiro em Castellazzo, Paulo recebeu **luz divina**, capaz de romper a escuridão da dúvida e ajudá-lo a compreender a vontade de Deus.

3. Descrição e Julgamento dos Movimentos Espirituais

A. Desolação

Introdução

Ao examinar os movimentos interiores do espírito que Paulo da Cruz percebia em si mesmo e descrevia no seu Diário, a predominância dos seus **sentimentos de desolação** é particularmente impressionante. O leitor é confrontado — e talvez perturbado — **“pela melancolia, ansiedade e tentações de uma pessoa abandonada diante de Deus.”**

Por causa da sua longa **“noite” que durou quarenta e cinco anos**, que quebrou os padrões da vida espiritual que tinha até então, o fundador dos Passionistas foi também descrito como **“o príncipe dos desolados.”**

Para compreender o significado dessas difíceis provações para o desenvolvimento espiritual de Paulo, seguiremos os discernimentos que ele próprio faz no seu Diário. Ao fazê-lo, veremos uma surpreendente sobreposição de aspetos positivos e negativos.

Função Negativa

As entradas de **10-13 de dezembro** chamam a nossa atenção para um momento típico de desolação, quando Paulo descreve a sua condição da seguinte forma:

“Eu estava seco, distraído, tentado; tive de me forçar a permanecer na oração. Fui tentado pela gula e a fome veio sobre mim. Sentia o frio mais do que o

habitual e a carne desejava algum conforto, e por causa disso tive vontade de fugir da oração.”

Isto é claramente uma tentação de abandonar a oração e é acompanhada por sintomas tanto físicos como espirituais. Paulo consegue agora discernir claramente a sua origem, quando continua:

“Mas a violência e os ataques continuavam, vindos tanto da carne como do demónio. Quanto a mim, acredito que o demónio entrou nisso porque sei que ele tem uma especial aversão contra quem reza.”

A distinção entre **demónio e carne** é importante, uma vez que **“é perigoso considerar toda emoção natural como intrinsecamente negativa (...) não negando que a natureza, na situação concreta, está muito facilmente inclinada ao egoísmo e, conseqüentemente, a resistir à atração do mundo sobrenatural.”**

Até este ponto, o jovem eremita atribui claramente um significado negativo à sua desolação, porque — como diz Santo Inácio nos *Exercícios* — ela arrasta a pessoa **“para coisas baixas e terrenas.”**

A reação de Paulo na citação seguinte também está de acordo com as regras clássicas do discernimento:

“Mas, pela misericórdia de Deus, continuei a dizer que queria resistir, mesmo que fosse levado embora em pequenos pedaços.”

Paulo resiste às suas tentações com determinação e não muda o seu plano, mas coloca ainda maior ênfase na oração. A sua perseverança dá fruto.

“Quando chegou o momento prescrito para eu sair, permaneci em paz e tranquilidade...”

Ele consegue até olhar para a sua experiência pessoal de maneira desapegada e consegue formular uma regra objetiva para tais situações:

“É preciso ter cuidado para não se retirar da oração em tempos de prova, porque o sofrimento não diminuiria por isso; pelo contrário, sem qualquer proveito, a alma ficaria ainda mais aflita ao ver-se cair na tibieza.”

Função Positiva

Mas existe também outro aspecto no estado de desolação no desenvolvimento espiritual de Paulo. Isto pode ser discernido já no primeiro dia da sua permanência em Castellazzo, que foi marcado por melancolia e grande tentação.

Ele escreve:

“Durante o resto do dia estive interiormente aflito com uma espécie peculiar de depressão, mas não como aquela que provém das dificuldades do mundo. É um certo sofrimento interior na mente e no coração, misturado com tentações ocultas que são reconhecidas com dificuldade e que, por isso, perturbam profundamente a alma. A pessoa não sabe onde se encontra, por assim dizer, se aqui ou ali, tanto mais porque em tal momento não há sinal sensível de oração.”

Paulo não se limita a descrever essa desolação, mas conclui com uma nota positiva:

“Sei que, pela misericórdia do nosso querido Deus, não desejo saber mais nada nem provar qualquer consolação; o meu único desejo é ser crucificado com Jesus.”

Pode-se quase ouvir aqui o eco do Apóstolo Paulo (cf. Gal 6,14), a quem Paulo da Cruz gostava de chamar “**o meu querido São Paulo**” e a quem venerava com “**uma devoção particular.**”

A relação entre o seu sofrimento interior e a Paixão de Cristo levou Paulo Danei a considerar a desolação sob uma luz positiva, porque ela o tornava mais semelhante a Cristo crucificado. Cada página do seu Diário testemunha a fecundidade desse processo de transformação que visa desenvolver uma união mais profunda com Deus crucificado através da participação, em etapas, no seu sofrimento.

Esta experiência incomum mostra mais uma vez “**que a vida humana não é simples: a vida natural nem sempre está de acordo com o sobrenatural.**” O sofrimento espiritual e físico alcança um grande bem na ordem sobrenatural, contrariando a intenção do Maligno que tenta aqueles “**que estão a purificar intensamente os seus pecados e a elevar-se de bom para melhor no serviço de Deus nosso Senhor.**”

Nas páginas seguintes será gradualmente demonstrada a importância que Paulo da Cruz atribuía ao sofrimento espiritual que experimentou em Castellazzo.

Purificação

Na citação mencionada acima, de **23 de novembro**, Paulo escreve em relação às tentações:

“Deus faz-me compreender que estas tentações purificam a alma.”

Paulo torna-se ainda mais consciente do objetivo purificador do sofrimento espiritual — como a aridez, a distração ou o cansaço na oração — e na entrada referente aos dias **10-13 de dezembro** podemos ler:

“Compreendo que este tipo de oração de sofrimento é um grande dom que Deus concede à alma para a revestir com uma veste imaculada de pureza.”

Na sua obra sobre a vida mística de Paulo da Cruz, o **Padre Gaétan**, comentando esta passagem, escreve que **Paulo está perfeitamente consciente de que Deus permite essas provações para o purificar e ensina que toda alma chamada a um alto grau de oração deve necessariamente passar por esses sofrimentos.**

Paulo aproxima-se cada vez mais do ponto em que compreende o objetivo desse sofrimento, isto é, **a transformação em Cristo para a qual a alma deve ser purificada.**

Ele escreve:

“Gostaria de fazer compreender a todos a grande graça que Deus, na sua misericórdia, concede quando envia sofrimento, especialmente sofrimento privado de consolação. Então, de facto, a alma é purificada como ouro na fornalha; sem o saber, torna-se radiante e é libertada para voar em direção ao seu Bem, isto é, à bendita transformação.”

No dia **23 de dezembro**, Paulo faz uma comparação impressionante com uma rocha no mar, destinada a representar a alma golpeada pelas ondas de pensamentos e imagens demoníacas. Enquanto a alma permanecer unida a Deus, o inimigo é impotente. Pelo contrário, ela experimentará o poder purificador da tempestade.

Ele escreve:

“Mas Deus faz-me compreender que a alma está com Ele e que Ele se compraz em vê-la assim empenhada na batalha. Isto é mais proveitoso para a alma, pois, como resultado do que sofre e suporta na luta, ela é purificada como a rocha que, antes da tempestade, podia estar coberta de detritos, mas que depois da tempestade fica limpa porque as ondas a lavaram.”

Zoffoli resume a natureza dessas provações espirituais dizendo que **o processo de purificação — tristeza, aridez, desolação, medo, sugestões diabólicas — foi para Paulo a morte mística que lhe permitiu conformar-se com Cristo.**

Transformação

O efeito purificador da desolação é apenas uma etapa preparatória para um significado mais profundo que o santo lhe atribui. Para Paulo, o essencial é **a imitação de Cristo crucificado**, na qual ele participa na Paixão de Jesus.

Ele escreve:

“Tive um conhecimento infuso dos sofrimentos do meu Jesus e senti um desejo tão ardente de estar perfeitamente unido a Ele que desejei realmente sentir os seus próprios sofrimentos e estar na cruz com Ele.”

Chegamos aqui ao coração do misticismo de Paulo. As tentações, por exemplo, na oração tornam-se para ele uma oportunidade bem-vinda de se unir ao Crucificado.

Ele escreve:

“Sei que Deus me faz compreender que a alma que Deus deseja conduzir a um alto grau de união consigo por meio da oração deve percorrer este caminho de sofrimento na oração, de sofrimento — repito — sem qualquer consolação sensível, de modo que a alma já não sabe onde se encontra, por assim dizer.”

Paulo modela-se completamente segundo o exemplo de Jesus, que rezou em total desolação tanto no **Jardim do Getsémani** como na **Cruz**. Quanto menos consolação se experimenta no sofrimento, mais semelhante se torna ao Senhor sofredor.

Esta é a sua ideia fundamental. A participação na Paixão de Cristo conduz finalmente a uma identificação ainda mais profunda com o seu modelo amado e aumenta o desejo de sofrer.

Ele escreve:

“Para maior glória de Deus devo acrescentar um ponto — a saber — que quando estou neste estado em que já estive em algumas ocasiões e durante um tempo considerável, embora não com tanta violência, suplico a Jesus Crucificado que não me liberte dele. Pelo contrário, desejo-o para sofrer e tenho um certo receio de que ele desapareça. O receio de que falo nasce do desejo da alma de seguir Jesus no sofrimento.”

Breton observa que o que impressiona no Diário é, de facto, **uma sede crescente de sofrimento**. Contudo, a ênfase não está no sofrimento em si mesmo. O santo escreve:

“Compreendo que esta é uma maneira grande e frutuosa de sofrer, muito agradável a Deus, porque a alma torna-se tão indiferente que já não pensa na dor ou na alegria, mas apenas em permanecer conforme à santa vontade do seu amado Esposo, Jesus.”

Ela deseja sobretudo **ser crucificada com Ele**, porque assim se torna mais conforme ao seu Deus amado, que durante toda a sua vida **“nada fez senão sofrer.”**

Assim, o sofrimento não é a questão central. Pelo contrário, **o “eu” deve estar ausente do sofrimento**. Não se trata de sofrer ou de alegrar-se, mas daquela indiferença que eleva a alma acima das suas paixões.

Contemplação

Este processo de transformação conduziu Paulo a uma grande familiaridade com o mistério da humanidade de Cristo na sua Paixão. Por mais profundamente que seja atraído para a visão de Deus, ele nunca se afasta da sua união amorosa e dolorosa com Jesus na sua Paixão, **“porque contemplava o Absoluto particularmente naquela humanidade sofredora, sabendo que ali, acima de tudo, o Infinito se revelava como Amor.”**

Temos um testemunho maravilhoso disso na entrada final de **1 de janeiro de 1721**, que constitui **“o ponto culminante e o clímax do documento que iluminará uma vida.”**

Paulo escreve:

“Tive também conhecimento da alma unida por um vínculo de amor à Sagrada Humanidade e, ao mesmo tempo, dissolvida e elevada a um conhecimento profundo, consciente e sensível da Divindade. Pois, uma vez que Jesus é ao mesmo tempo Deus e Homem, a alma não pode estar unida em amor à Sagrada Humanidade sem, ao mesmo tempo, ser dissolvida e elevada a um conhecimento profundo e consciente da Divindade.”

Na sua busca do conhecimento de Deus, o santo aponta aqui com extraordinária clareza para o papel mediador da humanidade de Jesus. Para Paulo, a humanidade sofredora de Cristo está inseparavelmente ligada a um **conhecimento intenso e experiencial da divindade**.

Esta afirmação fundamenta as observações de **Josef Sudbrack** na sua análise da edição alemã do Diário. Segundo ele, o Diário **trata da importância do Jesus humano e da sua Paixão para toda a meditação e contemplação cristã**.

Refere-se também à desconfiança de qualquer experiência que pretenda ultrapassar o Jesus humano concreto e o sofrimento real. Assim, para Paulo, **a memória da Paixão torna-se a porta da contemplação**.

A experiência mística mencionada acima encontra-se no próprio centro do ensinamento de Paulo sobre a oração.

Reparação

Um último aspecto positivo da experiência de sofrimento de Paulo é a sua participação **no amor de Cristo, vítima pelos pecados do mundo**, no sofrimento que ele suportou por causa das ofensas contra Deus.

Em **29 de dezembro de 1720**, ele escreve no seu Diário:

“...à noite recolhi-me e senti-me movido a fazer reparação pelas irreverências, especialmente na igreja (...). Pedi-lhe que me concedesse a graça de derramar lágrimas de sangue, como tanto desejo fazer.”

Profundamente impressionado pela **“justiça infinita”** de Deus, Paulo deseja reparar as ofensas através da sua participação na agonia redentora e expiatória de Cristo.

Dois estudos importantes foram feitos sobre este aspecto característico da vida interior de Paulo, embora não sem controvérsia.

Consolação

A Eucaristia como fonte de consolação

Ao examinar a função positiva do sofrimento na experiência espiritual de Paulo, reconhecemos também a centralidade de **Jesus Cristo como Deus e Homem**.

No mistério da **Eucaristia**, esse mesmo Cristo cuja Paixão transforma a desolação numa oportunidade de discipulado torna-se também **fonte de consolação para o eremita de Castellazzo**.

Cada um dos quarenta dias do retiro de Paulo foi marcado por um encontro interior com o seu **“Esposo sacramental, Jesus.”**

A recepção da Eucaristia “**deu-lhe luz, força, paz e doçura no silêncio absoluto das faculdades.**” O Diário oferece muitos exemplos disso.

Podemos destacar especialmente a entrada de **7 de dezembro**, pois ela mostra também a ligação com o nível físico:

“Na santa Comunhão senti-me particularmente recolhido e elevado com lágrimas, a tal ponto que os ossos do meu estômago doíam porque tremia um pouco de frio — mas depois tudo desapareceu. Isto acontece-me frequentemente. Sei que antes sentia fraqueza corporal — ó infinita misericórdia do nosso Soberano Bem! — depois da santa Comunhão senti-me melhor e forte. Segundo a compreensão que Deus me dá, isto provém da grande força que a alma recebe desse alimento angélico, que também tem o efeito de fortalecer o corpo.”

Os principais efeitos que a recepção da Eucaristia teve na alma de Paulo foram **recolhimento, paz, silêncio interior, alegria e amor.**

O recolhimento era particularmente importante, pois permitia estabelecer uma profunda relação com Deus na oração.

Ele escreve:

“Chegou o tão desejado momento da santa Comunhão, após o qual fui movido pela infinita bondade ao mais profundo recolhimento e a intensos desejos amorosos e colóquios com o nosso amado Esposo.”

O Dom das Lágrimas

Além de outras respostas emocionais profundas evocadas pela santa Comunhão, Paulo recebe também **o dom das lágrimas.**

Contudo, as suas lágrimas não se limitam aos momentos de união sacramental com o Senhor Eucarístico. Muitas vezes surgem subitamente ou manifestam-se como lágrimas de arrependimento.

Até as necessidades da Igreja e do mundo comovem profundamente Paulo.

Ele escreve:

“Senti-me muito fervoroso durante a noite e até derramei algumas lágrimas enquanto rezava ao Senhor pela santa Igreja e pelos pecadores.”

Em geral, porém, são lágrimas de emoção e de gratidão jubilosa, que indicam uma certa **percepção espiritual e transcendência de si mesmo.**

Ele escreve:

“Tudo isto compreendo num instante, com muitas lágrimas misturadas com o maior grau de doçura.”

Fenómenos Místicos

Fenómenos místicos extraordinários também desempenham um papel no processo de discernimento espiritual de Paulo em Castellazzo.

A entrada do Diário de **28 de novembro**, por exemplo, esclarece-nos sobre uma **visão intelectual**:

“...especialmente ao rezar ao Soberano Bem para que tudo tivesse um bom resultado, a santa inspiração que, pela sua infinita bondade, Ele me deu e continua a dar. Recordo-me de que estava a rezar à Santíssima Virgem e a todos os anjos e santos, especialmente aos santos fundadores. De repente pareceu-me ver em espírito todos eles prostrados diante da santíssima majestade de Deus, rezando também por isto. Isso aconteceu num instante, como um relâmpago, numa doçura misturada com lágrimas. A forma como os vi não foi corporal; foi, portanto, no espírito, com um entendimento na alma que não sei explicar, e quase imediatamente desapareceu.”

Esta visão aparece como “**uma resposta clara e consoladora**” de Deus à sua oração para que a “santa inspiração” tivesse bom êxito — inspiração que provavelmente significava a **fundação da Congregação**.

Outra entrada, de **30 de novembro**, descreve uma **locução interior**:

“...lembro-me de que pedi a Jesus que me ensinasse qual o grau de humildade que mais lhe agrada, e ouvi esta resposta no meu coração: quando te colocas em espírito debaixo dos pés de todas as criaturas, até mesmo debaixo dos pés dos demónios, isso é o que mais me agrada.”

Os Efeitos do Bom Espírito

Os quarenta dias em Castellazzo estão cheios da acção do **bom espírito**, que nos oferece alguns critérios concretos para o discernimento espiritual.

a) Em relação ao entendimento

Deus ilumina a mente de Paulo com compreensões e percepções especiais, permitindo-lhe penetrar nos mistérios da fé.

Ele escreve:

“O meu querido Deus deu-me um conhecimento infuso da alegria que a alma terá quando o vir face a face, quando estiver unida a Ele no amor santo.”

E também:

“Tive também uma compreensão particular da misericórdia infinita.”

Este processo de renovação espiritual, que permite reconhecer ainda mais claramente as coisas de Deus, atinge o seu ponto mais alto no já mencionado “**conhecimento profundo e consciente da Divindade**” de **1 de janeiro de 1721**.

O jovem eremita mostra-se dócil e receptivo às revelações divinas durante todo o seu retiro.

b) Em relação à vontade

No nível da vontade, o Diário revela **uma verdadeira humildade como sinal seguro do bom espírito**.

Paulo escreve:

“...continuei a rezar a Jesus para que me concedesse o maior grau de humildade: queria ser o último de todos os homens, a própria escória da terra.”

Segundo a locução de **30 de novembro**, Deus permite que a alma de Paulo seja lançada “**debaixo dos pés dos demónios**” através de tentações terríveis e blasfêmias contra Deus.

A sua alma é então lançada “**num abismo de misérias**.”

Contudo, Paulo humilha-se e escreve:

“...tenho um certo receio de que isso desapareça, excepto, naturalmente, aquelas tentações contra Deus que não posso desejar, a não ser que Deus as permita para a minha maior mortificação.”

Confiança em Deus

A confiança inabalável de Paulo em Deus, com a qual vence os ataques do demónio, oferece outro sinal da acção do bom espírito.

Duas imagens desempenham um papel importante aqui.

Primeiro, a consciência da presença protetora de Deus é expressa pela imagem de um abraço:

“Sei também que Deus sustenta a alma nos seus braços, embora a alma, não percebendo isso, pareça estar completamente abandonada à sua esmagadora miséria.”

Segundo, a alma é comparada a **uma rocha no mar**, que as águas furiosas da tentação não conseguem deslocar porque está firmemente unida a Deus.

“...da mesma forma, a alma em oração é uma rocha, porque Deus a mantém firme no seu amor infinito. Pode até ser chamada uma rocha de força, porque o Soberano Bem lhe comunica essa força.”

Estas linhas refletem **a certeza de que o nada da criatura está enraizado no Absoluto.**

A confiança na misericórdia de Deus protege o santo contra o desespero e o desânimo, mesmo quando reconhece a sua própria pecaminosidade.

Ele escreve:

“...tive muita ternura e também muito conhecimento de mim mesmo. Pedi aos anjos que assistem ao adorável mistério que me expulsassem da igreja como pior que um demónio; mas, ao mesmo tempo, uma confiança especial no meu Esposo sacramental não me abandonou. Pedi-lhe que me recordasse o que disse no santo Evangelho: que veio chamar não os justos, mas os pecadores.”

Assim, ao lado das atitudes fundamentais de **humildade e confiança em Deus**, aparecem também outras características clássicas da sua vida espiritual: **paz interior, paciência no sofrimento físico e espiritual, mortificação e profundo amor.**

PARTE C

“Memoria Passionis” – Contemplação e Missão

I. A “nova sensibilidade” da Cruz

O resultado final deste estudo sobre a ação do Espírito na cela de Castellazzo e a sua interpretação por São Paulo da Cruz é antes a apresentação de um começo. A ideia fundamental que amadurece durante aqueles quarenta dias continua a desenvolver-se ao longo de toda a sua vida.

Particularmente significativo é o surgimento de uma “**nova**” **sensibilidade**. Já vimos quão importante era o nível afetivo para compreender o carácter de Paulo. Através das suas lutas solitárias com os espíritos bons e maus, na oscilação entre consolação e desolação, ele exercita os seus sentidos como um atleta e habitua-os a distinguir o bem do mal.

Quando **Paulo Danei** iniciou o seu primeiro **retiro** a 23 de novembro de 1720, não era um principiante inexperiente nas coisas espirituais. Isso torna-se claro a partir do seguinte excerto de uma carta do **Pe. Columbano de Génova ao bispo Gattinara** (25 de novembro de 1720):

“Paulo Francisco está adornado com esta preciosa joia e o espírito de um simboliza o do outro; Miguel Ângelo percorreu todos os graus de oração que Paulo Francisco e António alcançaram.”

Esta referência indireta ao elevado grau de vida espiritual do nosso santo mostra até que ponto a sua afinidade com o mundo das realidades divinas já se tinha desenvolvido. Ele deixa o seu “**deserto**” como um adulto, pronto para o alimento sólido da vontade de Deus (cf. Heb 5,14), pelo qual tinha fome.

As suas “**experiências sensíveis**” concentram-se agora num conjunto diferente de valores, que chegam a influenciar até o seu modo de falar. Conceitos como dor e alegria, amor e sofrimento entrelaçam-se e tornam-se quase intercambiáveis. Sentimentos que, a nível humano, são vistos como puramente negativos passam subitamente a adquirir um significado positivo.

A razão para isso reside na nova perspectiva de **participar no sofrimento de Jesus**. Castellazzo torna-se o cenário de um drama impressionante: o nascimento do homem novo em Cristo, que encontra Paulo particularmente na forma do **Crucificado**.

Paulo deseja tornar-se como Ele, sofrer com Ele, ser crucificado com Ele como **imagem viva da sua Paixão** (Gal 2,19-20a). Esta é a vocação reconhecida de Paulo e a missão para a qual o seu mundo sensível foi orientado e renovado.

A sequência desse sofrimento interior descrita por ele no Diário é um processo de libertação, no qual são removidos os obstáculos que poderiam interferir com a sua resposta a tal missão. Aqui assistimos ao surgimento de uma nova estética, de uma “**nova sensibilidade**” **da Cruz**.

II. Apóstolo do Crucificado

A experiência profundamente contemplativa de Castellazzo possui um conteúdo apostólico explosivo que rompe as paredes do pequeno armazém na igreja de São Carlos e abre o caminho para uma missão de dimensão mundial.

Paulo escreve:

“Disse-lhe que de bom grado seria despedaçado por uma única alma. Na verdade, sentia que morreria ao ver a perda de tantas almas que não experimentam o fruto da Paixão do meu Jesus.”

A sua participação mística na Paixão do Redentor fornece o impulso para o seu posterior zelo pela conversão dos pecadores.

Ele escreve:

“Tive também grande fervor, misturado com lágrimas, ao rezar pela conversão dos pobres pecadores; dizia continuamente a Deus que já não podia suportar vê-lo ofendido.”

Paulo foi tomado pelo desejo de participar na obra redentora de Deus e de fundar uma comunidade para esse fim.

Ele escreve:

“Tive também especial ternura ao implorar a Deus, na sua misericórdia, que fundasse rapidamente a santa Congregação e que enviasse algumas pessoas para a sua maior glória e para o bem do próximo.”

Assim Paulo sabia que estava totalmente comprometido com o serviço da Igreja (“**esta Congregação na santa Igreja**”), cuja autoridade suprema reconhecia sem reservas.

Ele escreve:

“Sei que tinha um impulso particular para ir a Roma por esta grande e maravilhosa obra de Deus.”

Desde o início, a fundação da Ordem foi o objetivo do seu discernimento espiritual.

Ele escreve:

“...também pedi ao meu Soberano Bem se era da sua vontade que eu escrevesse a Regra para os Pobres de Jesus, e senti um forte impulso para o fazer, com grande doçura.”

A obediência de Paulo à Igreja e o amor ao próximo, que o guiam no seu projeto, são sinais exteriores claros da ação de Deus neste assunto.

A fisionomia espiritual do santo, cujas características mais marcantes se formaram durante aqueles quarenta dias em Castellazzo, é marcada pela **Regra de uma Congregação que fará resplandecer o seu carisma na Igreja.**